

Kasa invisível

Myriam Ávila¹

O poeta e compositor Olle Sundström veio da Suécia para Belo Horizonte, onde se apresentou, no calor de uma noite de inverno, na casa invisível.

Não, não é ficção do absurdo, mas uma utópica realidade que tive a oportunidade de experimentar. A Kasa Invisível, depois de encontrada, é bem conspícua. Localizada no centro de Belo Horizonte, ela se chama assim porque, segundo o responsável, Luther Blisset*, durante décadas os transeuntes passaram por ela sem vê-la. Em estilo art deco, arredondada como costumam ser os prédios de esquina, a casa se encontra naquele estado charmosamente precário – ainda distante do desabamento – e é percorrida de forma oblíqua. Passamos por um corredorzinho ao lado da cozinha, depois entramos na cozinha (são duas?!) conjugada com a biblioteca. Entre os livros doados de forma aleatória estão Céline (*Viagem ao fim da noite*) e os poemas completos de Florbela Espanca, ladeados por muito Dostoiévski e Shakespeare, além de uma coleção encadernada de Júlio Verne. A administração é declaradamente anarquista, ou seja, ali reina a ordem.

Do alto da minha terceira idade, destaco-me mal entre os trintaneiros serenos e veganos. O poeta sueco está no espaço de convivência do andar de baixo, nem um pouquinho preocupado com a impossibilidade do público compreender suas palavras. “Você tem livros impressos?” Não, ele acha que sua poesia só funciona em performance, com a entonação e o ritmo certos, no estilo *slam*. Além dos poemas falados, ele terá nessa noite uma peça sua, ao modo do jogo musical Cobra, de John Zorn, executada pelo grupo GILU, de Belo Horizonte. Foi preciso adaptar as regras do jogo, avisa ele, já que a última apresentação da peça tinha durado 55 minutos, levando a plateia ao desespero.

Finalmente, às 20:30, o recital marcado para as 19:00 começa, no segundo andar. Muito bem sucedido, o jogo/improviso agrada em cheio às cerca de trinta pessoas presentes. Os sons dos músicos interagem com os sons que vêm da avenida movimentada, porque o calor exige que as janelas e o balcãozinho fiquem abertos. As árvores, curiosas, intrometem as pontas dos galhos na sala. O segundo andar não tem laje, só telhado – aparentemente não habitado pelos sequazes de Bela Lugosi. Duas crianças, meninos gêmeos, são trazidos pelo pai para assistir à performance. Todos os presentes,

¹ É professora da Universidade Federal de Minas Gerais, tradutora do inglês e do alemão.

majoritariamente desempregados, “sem glória, sem salário”, como o Mauberley de Pound, exibem a aparência feliz de quem tem paz de espírito. Ninguém armado, ninguém criando problemas, o melhor ambiente que seria possível imaginar no Brasil de hoje.

A segunda parte começa com os poemas em sueco, nos quais se distinguem, para os ouvidos brasileiros, as palavras “política”, “patriarcado” e “masculinidade”, além das exclamações em inglês: “fuck the police”, “holy shit”. Em seguida, foi chamado ao “palco” o compositor Miguel Javaral, que declarou estar ali para um diálogo trilíngue com Sundström. Propôs que suas perguntas em português fossem respondidas em sueco, de modo que nenhum dos interlocutores pudesse entender o que o outro dizia. Depois de alguns minutos, o computador, especialmente programado para isso, começou a reproduzir partes anteriores da conversa, às quais se sobrepunham novas colocações, em inglês, português ou sueco. Numa outra camada desse tecido de falas, soavam os eventuais aplausos da plateia, que o deslocamento temporal destituía de motivação. Ao fim de meia hora, Javaral esclareceu, para surpresa dos espectadores, que o que se produzira ali fora uma execução da peça de sua autoria, “O que eu estava dizendo era...”, peça essa já executada antes, com resultados diversos, em Bath (Inglaterra) e em Porto Alegre.

Foi uma noite de muita epifania, onde esbanjamos, os que já não damos valor à fama, nossos quinze minutos de felicidade edênica. Coisas que a cena cultural alternativa de Belo Horizonte tem produzido, para nossa sorte, com uma frequência pelo menos semanal, não apenas na Kaza Invisível, mas também debaixo do viaduto de Santa Tereza, nos espaços Teatro Espanca e Mama Cadela.

Para quem quiser provar da utopia, com muita cultura, Belo Horizonte é hoje um destino dos mais propícios.

* “poxa, esse cara está em todo lugar!”